

DESPERDÍCIO

Parlamentares já começaram a receber o dinheiro da convocação extraordinária, mas não votaram nada ontem. Palácio do Planalto patrocinou a obstrução da pauta temendo uma derrota em plenário

Guerra entre aliados paralisa o Congresso

Denise Rothenburg

Da equipe do **Correio**

Com agência Folha

A guerra entre os partidos da base no governo pelas presidências da Câmara e do Senado provocou nova paralisação nas votações do Congresso. O esvaziamento do plenário foi patrocinado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, que teme a derrubada de Medidas Provisórias (MPs) importantes e a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que restringe a edição de MPs. No final da tarde, ainda na sessão da Câmara, por pouco, o governo não perde mais um *round*. O problema foi a posição de alguns deputados da bancada governista que, de olho nos salários de R\$ 8 mil que começam a ser pagos hoje, preferiram votar pela abstenção em vez de simplesmente sair do plenário e correr o risco de desconto no contracheque da convocação.

A votação que o governo quase perdeu foi justamente a de um pedido do deputado José Genoíno (PT-SP). Ele queria que a PEC sobre limites à edição de MPs fosse o primeiro item da pauta. Contou com o apoio do PFL. No sufoco, os líderes governistas tiveram que correr para garantir a derrubada do requerimento. Conseguiram. Nenhum projeto foi votado ontem na sessão da Câmara, mas hoje terão que enfrentar uma nova batalha para manter a PEC das MPs fora da pauta. O presidente Fernando Henrique Cardoso não gostou: "Minha paciência está acabando. Se esse racha continuar depois do dia 15, será grave", comentou o presidente com o líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio (PSDB-AM).

Resolvido temporariamente o problema na Câmara, o governo partiu para uma nova briga na sessão do Congresso, marcada para votar parte das 71 Medidas Provisórias vigentes. Sem acordo entre os partidos sobre que MP votar primeiro, o senador Anto-

Fabio Pozzembom / Photo Agencias



NA TENTATIVA DE CONQUISTAR A PRESIDÊNCIA DO SENADO, PÉRES CITOU VERSOS DE CAMÕES E PEDIU O VOTO DOS COLEGAS COMO UMA "REAÇÃO CÍVICA"

nio Carlos Magalhães (PFL-BA) encerrou a sessão, indignado: "É um absurdo que não se vote nada", reagiu, referindo-se ao esvaziamento do plenário patrocinado pelo governo. ACM chegou a comentar com amigos que, por ele, a convocação extraordinária acabaria hoje mesmo, sem pagar um tostão a ninguém.

Arthur Virgílio não se incomodou com a ira de ACM. Disse que a intenção do governo é mesmo não votar mais nada até a eleição no Congresso. "Estou recomendando aos líderes que não votem nem sessão de homenagem. Prefiro correr o risco de desgaste junto à opinião pública do que aprovar medidas contra a economia brasileira", disse.

Enquanto o governo passa apertado no Congresso, os candidatos seguem com o seu jogo. Aécio Neves (PSDB) procura se manter

fora da guerra no plenário para evitar desgastes e segurar a vantagem. Inocêncio Oliveira (PFL) investe no discurso oposicionista. Na reunião de líderes, pela manhã, ao defender a aprovação da PEC que limita a edição de Medidas Provisórias, fez um discurso apaixonado, pregando a independência do Legislativo.

Inocêncio aposta ainda nos votos dos descontentes com Aécio, especialmente, dos deputados preteridos nos acordos com o PTB e PPB. A esse grupo, próximo a 40 votos, Inocêncio ofereceu a primeira-vice presidência da Câmara. Só no PMDB são sete candidatos interessados no cargo, dos quais pelo menos um, o deputado Paulo Lima (PMDB-SP), já ameaça se bandear para o lado do PFL. "Eu vou ganhar. O outro candidato prometeu muito e não vai cumprir", garantiu o pefelista.